

Arquitetura, urbanismo e história do bairro Jaraguá, Maceió/AL¹

Architecture, urbanism and history of the Jaraguá Neighborhood, Maceió/AL

Arquitectura, urbanismo e historia del barrio jaraguá, Maceió/AL

Recebido: 17/02/2020 | Revisado: 02/03/2020 | Aceito: 02/03/2020 | Publicado: 11/03/2020

Heber Macel Tenório Vasconcelos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3555-9683>

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

E-mail: bv_vasconcelos@hotmail.com

Evandro Fiorin

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6556-1461>

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

E-mail: evandrofiorin@gmail.com

Resumo

Jaraguá é em um dos bairros mais antigos de Maceió-AL. A história do lugar se mistura com a da criação e do desenvolvimento da própria capital. Com o objetivo de contribuir com a preservação da história e do patrimônio arquitetônico e cultural do bairro do Jaraguá em Maceió/AL, este trabalho selecionou três obras consideradas emblemáticas. As três arquiteturas selecionadas foram: o Trapiche Jaraguá, a Praça Dois Leões e o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA). Dessa forma, nos propusemos a estudar essas edificações e como se revelam frente a um processo de deterioração que está presente nas imediações. A metodologia adotada consistiu na revisão bibliográfica/documental, em registros fotográficos realizados *in loco* e em visitas técnicas. A pesquisa tem como resultado uma compreensão mais aprofundada da história do bairro e das três obras estudadas e proporcionou uma análise histórica de cada edificação, da sua relação com o entorno e da sua contribuição para o desenvolvimento urbano do bairro. Conclui-se que ao longo do tempo as três arquiteturas resistiram devido a um conjunto de fatores: o bairro ter sido zoneado como área especial de preservação pelo plano diretor; por terem sido capazes de assumir diversos usos e por tais arquitetura terem constituído direta e indiretamente uma relação com a comunidade.

Palavras-chave: Jaraguá; Patrimônio Cultural; História da Arquitetura.

¹ A discussão aqui apresentada é resultado do aprofundamento de uma seção integrante de um dos capítulos da dissertação de mestrado do autor.

Abstract

Jaraguá is in one of the oldest neighborhoods in Maceió-AL. The history of the place mixes with that of the creation and the development of the capital itself. In order to contribute to the preservation of the history and architectural and cultural heritage of the Jaraguá neighborhood in Maceió/AL, this article selected three works considered emblematic. The three architectures selected were: Trapiche Jaraguá, Praça Dois Leões and the Museum of Image and Sound of Alagoas (MISA). Thus, we set out to study these buildings and how they reveal themselves in the face of a deterioration process that is present in the immediate vicinity. The methodology consisted of a bibliographic/documentary review, photographic records made in loco and technical visits. The research results in a more in-depth understanding of the neighborhood's history and the three works provided a historical analysis of each building, its relationship with the surroundings and its contribution to the urban development of the neighborhood. The three architectures resisted due to a number of factors: the neighborhood was zoned as a special preservation area by the master plan; because they were able to assume different uses and because such architecture constituted a relationship directly and indirectly with the community.

Keywords: Jaraguá; Cultural Heritage; History of Architecture.

Resumen

Jaraguá se encuentra en uno de los barrios más antiguos de Maceió-AL. La historia del lugar se mezcla con la de la creación y el desarrollo de la propia capital. Para contribuir a la preservación de la historia y del patrimonio arquitectónico y cultural del barrio de Jaraguá en Maceió/AL, este trabajo seleccionó tres obras consideradas emblemáticas. Las tres arquitecturas seleccionadas fueron: Trapiche Jaraguá, Praça Dois Leões y el Museo de Imagen y Sonido de Alagoas (MISA). Por lo tanto, nos propusimos estudiar estos edificios y cómo se revelan frente a un proceso de deterioro que está presente en las inmediaciones. La metodología adoptada consistió en una revisión bibliográfica/documental, registros fotográficos realizados in loco y visitas técnicas. La investigación resultó en una comprensión más profunda de la historia del vecindario y de los tres trabajos estudiados y he ofrecido un análisis histórico de cada edificio, su relación con el entorno y su contribución al desarrollo urbano del vecindario. Las tres arquitecturas resistieron debido a una serie de factores: el plan maestro clasificó el barrio como un área especial de preservación; porque pudieron tomar

diferentes usos y porque dicha arquitectura constituyó una relación directa e indirecta con la comunidad.

Palabras clave: Jaraguá; Patrimônio Cultural; História de la Arquitectura.

1. Introdução

Com o objetivo de contribuir com a preservação da história e do patrimônio arquitetônico e cultural do bairro do Jaraguá em Maceió/AL, este trabalho selecionou três obras consideradas emblemáticas. As três arquiteturas selecionadas foram: o Trapiche Jaraguá, a Praça Dois Leões e o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA). O estudo pretendeu realizar uma análise histórica de cada edificação, da sua relação com o entorno e da sua contribuição para o desenvolvimento urbano do bairro. A metodologia adotada consistiu na revisão bibliográfica/documental, em registros fotográficos realizados in loco e em visitas técnicas.

O nome “Jaraguá” tem origem indígena, podendo ter mais de um significado. O mais reconhecido é o de “Enseada das Canoas” (Santos, 1986). Sua provável origem, segundo diversos pesquisadores, ocorreu no início do século XVI, a mando da Coroa Portuguesa. No local, foi instalada uma pequena vila de pescadores, com o objetivo de ocupar a enseada e evitar o contrabando de pau-brasil e outras mercadorias. Posteriormente, essa vila de pescadores veio a se tornar a Vila de Maceió (Ataíde, 2015). Segundo Altavila (1988), entre o século XVIII e meados do século XX, Jaraguá passou por um grande processo de ascensão, sendo esse período onde foram construídas e executadas a grande maioria, das edificações hoje consideradas históricas. O primeiro armazém construído no bairro, também foi nomeado de “Jaraguá” (Ataíde, 2015). Dentre elas, os famosos trapiches. Os trapiches eram pontes construídas em terra firme. Sua estrutura era portada por palafitas e se caracterizam por uma longa extensão. Tiveram a finalidade de facilitar o transporte das mercadorias importadas e exportadas até as embarcações. Tais estruturas têm marcado o perfil da paisagem local.

Ao longo do tempo, o bairro do Jaraguá passou por um processo de deterioração. A história hegemônica tem insistido que sua desvalorização pode ter relação com as próprias atividades que ali se desenvolviam. Por conta da atividade portuária e da consequente presença de marinheiros e trabalhadores, Jaraguá, teria passado a constituir-se como um local de passagem. Esse perfil, somado à frequente presença masculina, teria propiciado o incremento de pensões, bares e cabarés. Conferiu, ainda, a imagem de lugar “boêmio” e de “promiscuidade”. Até os dias atuais, esse ideário permanece no imaginário coletivo do lugar e

é reconhecido por seus usuários, historiadores e pela comunidade. Tal imagem teria sido provocadora da evasão das famílias e de algumas instituições. Atualmente, é possível constatar a reminiscência de um número pequeno de residências e um maior número de galpões abandonados, edificações comerciais e bancos. (Altavila, 1988; Pedrosa, 1998; Andrade, 2005; Ataíde, 2015; Araújo, 2017). Nesse contexto, devemos ressaltar a importância histórica, social, econômica e cultural das três obras analisadas para a memória, identidade e paisagem do bairro do Jaraguá. Além disso, reforçamos a relevância desse bairro para a formação da cidade de Maceió e para o entendimento dos processos de deterioração dos centros históricos. Dessa forma, a fim de cumprir com o objetivo principal proposto por este artigo: contribuir com a preservação e salvaguarda da história e do patrimônio arquitetônico e cultural do bairro do Jaraguá em Maceió/AL, nos propusemos a estudar essas edificações e como se revelaram frente a um processo de deterioração que está presente nas imediações.

2. Metodologia

O presente artigo trata de uma pesquisa aplicada, por possuir como objetivo gerar conhecimentos de ordem prática diante de problemas específicos. Referente aos objetivos aqui pretendidos, esta investigação valeu-se de observação participante na qual buscou-se coletar dados a partir de observações realizadas in loco. O universo de estudo da pesquisa circunscreveu-se às edificações consideradas patrimônio situadas no bairro histórico de Jaraguá em Maceió-AL. O foco da pesquisa também se valeu de revisão bibliográfica e documental da história dessas três arquiteturas e da análise das suas respectivas evoluções.

A pesquisa adotou as seguintes etapas metodológicas: lapidação do objeto de estudo em função da construção de um referencial teórico/documental; visita de campo a fim de realizar registros fotográficos in loco e coleta de dados; e análise das interferências executadas nas três arquiteturas investigadas. Dessa forma, a pesquisa tinha como resultados esperados: contribuir com estudos das arquiteturas em bairros históricos; a salvaguarda da história da cidade de Maceió e do estado de Alagoas; e a ampliação e aprofundamento de estudos correlatos. A seguir, apresentamos os resultados encontrados.

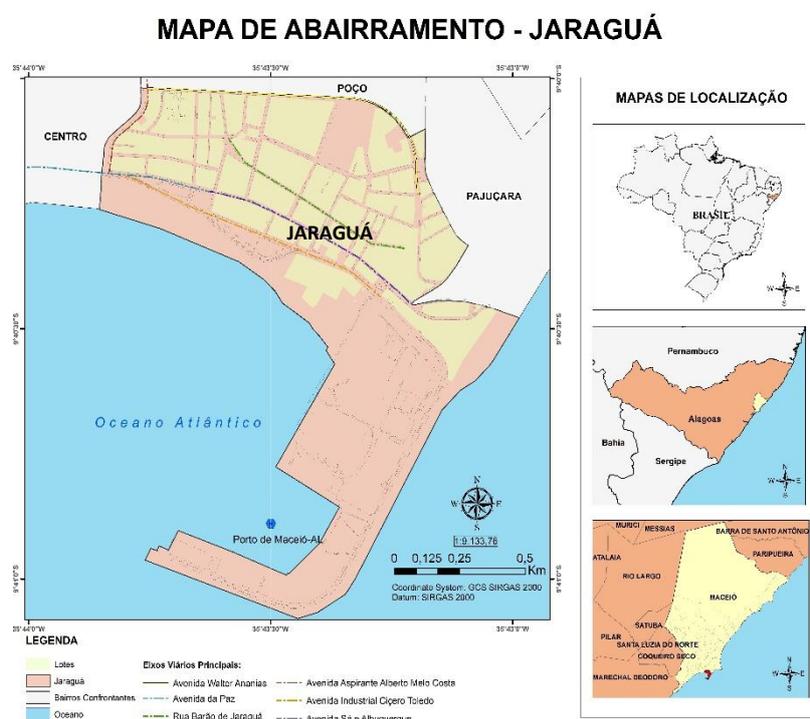
3. Resultados e Discussões

Jaraguá passou por um grande processo de ascensão, entre o século XVIII e meados do século XX, sendo desse período as construções da grande maioria das edificações hoje

consideradas históricas. Já em 9 de dezembro de 1839, devido ao reconhecimento de Maceió como importante entreposto comercial, político e cultural, o então Presidente da Província, Dr. Silva Neves, em Assembleia, altera a capital da Província da antiga cidade das Alagoas, atual município de Marechal Deodoro, para Maceió (Altavila, 1988).

A transferência da capital da província para a então Vila de Maceió contribuiu para implementação de uma maior infraestrutura no bairro (Altavila, 1988). Foi a partir dessa mudança que se intensificaram as construções de prédios, além dos que tinham finalidade comercial. Ampliou-se a quantidade de moradias, armazéns, pensões, bares e cabarés (Altavila, 1988). Por meio da revisão bibliográfica tornou-se evidente que as principais transformações ocorridas no bairro se deram a partir do século XIX. Partindo dessa constatação e com a finalidade de alcançar uma compreensão mais aprofundada das relações e dos contextos que influenciaram na sua dinâmica, na paisagem e no patrimônio cultural, fez-se necessária a delimitação de um recorte temporal. O período delimitado compreendeu desde o início do século XIX até a contemporaneidade. O mapa 1 mostra a localização do bairro em relação à cidade de Maceió e, desta, em relação a Alagoas.

Mapa 1 – Localização do bairro de Jaraguá, Maceió/AL, Brasil.



Fonte: Elaboração autoral, 2019.

No começo desse período, a paisagem do bairro de Jaraguá apresentava características remissivas de sua implantação (Santos, 1986). Diversos historiadores relataram a existência de um areal (dunas) e de casas construídas com a técnica de pau-a-pique. Essas

casas, correspondiam, provavelmente, ao conjunto que formava a antiga vila dos pescadores. A geografia, além de compor a paisagem e a identidade foi, de fato, um ponto determinante para a consolidação do local como entreposto comercial e como ancoradouro, graças aos arrecifes que serviam como barreira e proteção natural para as embarcações que atracavam nos trapiches (Santos, 1986).

Segundo Santos (1986), foi a partir da década de 1820 que sobrados, casas e prédios mais estruturados começaram a ser construídos. Ainda durante esse mesmo século, famílias abastadas, bancos, comércios, trapiches e companhias de navegação se fixaram no bairro. O desenvolvimento de Jaraguá aconteceu devido às atividades relacionadas ao ancoradouro. Graças a elas ocorriam todas as importações e exportações da Capitania. Durante o século XIX, os produtos e mercadorias exportados, em sua grande maioria, foram: açúcar, cereais, algodão, fumo e madeira.

Os edifícios comerciais se concentraram em volta do engenho Maçayó, atualmente, o centro da capital, separado de Jaraguá pelo riacho Salgadinho. A travessia de pessoas e de mercadorias acontecia através de jangadas. Entre o começo de 1800 até 1871, o cruzamento entre os bairros deu-se com a construção de uma ponte de madeira e, mais tarde, uma outra construída em ferro e concreto (Santos, 1986). A nova ponte ficou conhecida como “a ponte dos Fonecas”, em homenagem ao Marechal Deodoro da Fonseca e seus irmãos. Com dimensão de 120 metros de comprimento e 4 de largura, contava também com passeios laterais e grandes lampiões. Esta ponte foi substituída após o ano de 1924, devido a uma tromba d’água ter comprometido sua estrutura. A ponte que lá existe atualmente não possui as dimensões originais, pois o leito do riacho foi desviado e aterrado (Santos, 1986; Altavila, 1988). Além da ponte, outra interligação importante com o centro de Maceió foi o ramal ferroviário inaugurado no ano de 1868 (Santos, 1986; Pedrosa, 1998). Ambas as construções foram decorrentes da visão e das políticas ocorridas nos anos de 1820, implementadas pelo governador Melo e Póvoas (Altavila, 1988; Pedrosa, 1998).

Segundo a literatura consultada, o governador Melo e Póvoas foi o governante que mais se preocupou em implementar obras de infraestrutura no bairro do Jaraguá. Além disso, Póvoas foi o primeiro político a solicitar o mapeamento da região em 1820 (Altavila, 1988). O mapa foi atualizado em 1841, a partir do qual pode-se visualizar o surgimento de novas ruas e a consolidação das principais vias do bairro, como a atual rua Sá e Albuquerque (Santos, 1986). Santos (1986) relata que, de acordo com o levantamento realizado pelo historiador Moacyr Santana, registros datados de 1866 mostram que todas as vias principais do bairro Jaraguá já estavam constituídas. Eram elas as antigas ruas do Amorim, rua do Oitizeiro e rua

do Bom Retiro, atualmente conhecidas, respectivamente, por rua Coronel Pedro Lima, Av. Maceió e rua Melo e Póvoas. Além delas, já havia também a primeira avenida criada perpendicularmente à orla marítima, inicialmente chamada de “estrada nova”, atual Avenida Comendador Leão (Santos, 1986).

As características das primeiras construções seguiam um estilo colonial. Tratavam-se de sobrados baixos, porém com biqueiras largas e grades em madeira (Santos, 1986). Na década de 1840, a arquitetura influenciada por Portugal e aclimatada à colônia passou a ser substituída pelo greco-romano. As duas tipologias de construção ainda podem ser observadas na rua Sá e Albuquerque, algumas das fachadas foram modificadas ao longo do tempo, mas a grande maioria preserva seu estilo original (Santos, 1986).

Pedrosa (1998) buscou transmitir a história e as relações que existiram em Jaraguá. Conta que a Praça Rayol foi palco de grandes festas e de folguedos. Relembra o percurso realizado pelo bonde que parava na Avenida Comendador Leão e que todas as casas dessa avenida eram de uso residencial. O texto de Santos (1986) relata que no bairro já existiu uma fábrica de sabão, uma fábrica de mosaicos, sítios, companhias de navegação e até uma vacaria. As relações sociais no bairro se deram, a princípio, entre comerciantes, famílias abastadas, marinheiros e trabalhadores. Por sua importância como um entreposto, também houve o aparecimento de prostíbulos e meretrícios. Com o passar do tempo, revelou-se que os bares e pensões funcionavam como fachada para abrigar esses estabelecimentos. As meretrizes atendiam aos homens de maior poder aquisitivo e, em geral, ocupavam o primeiro andar dos prédios localizados na rua Sá e Albuquerque. Os marinheiros e trabalhadores frequentavam os prostíbulos que se localizavam em ruas menos importantes. Com o passar do tempo, essa prática teria contribuído para a construção da imagem do bairro como lugar boêmio e promíscuo. Esse estereótipo teria provocado a gradativa evasão das famílias e de algumas instituições existentes no bairro (Santos, 1986; Altavila, 1988; Pedrosa, 1998). Outro fato relevante que teria colaborado para a diminuição do número de habitações e de moradores no bairro teria sido a construção do cais do porto. A mecanização diminuiu a necessidade do número de trabalhadores, o que acabou enfraquecendo o comércio local. Por consequência, praticamente todas as áreas comerciais migraram para o centro (Santos, 1986). Na verdade, Jaraguá tem guardado forte relação com a vida portuária:

A (...) gênese arquitetônica de Jaraguá foi forjada pela dinâmica portuária. Exportações em grande escala, a partir do século XIX, motivaram a construção de armazéns conhecidos por trapiches, cuja característica principal era a utilização de pontes no transporte da mercadoria até a embarcação. Os mais avançados e amplos, instalados na rua da Rua da

Alfândega, atual Sá e Albuquerque, destacavam-se pela sofisticação de equipamentos, dentre esses estão o Faustino, O segundo, o Novo e o Jaraguá (Dantas, Tenório & Menezes, 2011, p. 205)

Contudo, Nascimento (2018) destaca que durante duas décadas, entre 1970 e 1990, o “vazio” predominou em Jaraguá. No bairro restaram a favela de Jaraguá, também conhecida como “Vila dos Pescadores”, bares, casas de prostituição e algumas instituições remisscentes (Nascimento, 2018). Nos anos de 1990, seguindo a tendência de outros centros históricos, Jaraguá passou por um processo de “revitalização”. As fachadas ganharam cores, a favela foi removida e a vida noturna ganhou novos bares e boates. A princípio, a população da capital teria tornado a frequentar o bairro durante os finais de semana em busca de festas e de diversão. Porém, a imagem marginalizada teria pesado e, poucos anos depois da execução do projeto de revitalização, o bairro voltou a passar por novo esvaziamento. As fachadas pintadas sofreram intervenções (pichações e grafites), a favela (Vila dos Pescadores) que havia sido relocada para a periferia ressurgiu e bares e casas noturnas alternativas e dedicadas ao público LGBTQ+ se mantiveram (Nascimento, 2018).

Ao longo do tempo, o bairro do Jaraguá passou por um processo de ascensão e de declínio. Sua desvalorização pode ter relação com as próprias atividades que ali se desenvolviam. Fato é que o bairro passou a ser reconhecido como um local de passagem e, no imaginário da população, como um lugar boêmio e até promíscuo. Segundo a história que se quer oficial, esse ideário teria permanecido na percepção coletiva até os dias atuais e seria assim reconhecido tanto por seus usuários e pela comunidade quanto por historiadores (Altavila, 1988; Pedrosa, 1998; Andrade, 2005; Ataíde, 2015; Araújo, 2017). A seguir, passaremos a discorrer sobre algumas das edificações mais emblemáticas desse importante bairro da cidade de Maceió-AL.

3.1. O Trapiche Jaraguá

Os trapiches funcionavam como passarelas que ligavam grandes armazéns até o mar. Alguns tinham cobertura para proteger os trabalhadores e mercadorias da chuva. Em geral, a estrutura básica de um trapiche consistia em uma plataforma estruturada em palafitas de madeira. Os trapiches foram criados para minimizar os prejuízos dos donos de armazéns, pois até então os escravos tinham que adentrar o mar a pé levando e trazendo sacas e mercadorias na cabeça (Altavila, 1988; Ataíde, 2015). A entrada constante no mar fazia com que muitos ficassem doentes e morressem. A partir dessa necessidade de evitar prejuízo com a morte de

escravos, durante a primeira década do século XIX foi construído o primeiro trapiche em Jaraguá. Documentos comprovam que o proprietário e solicitante foi o português José Antônio Aguiar (Altavila,1988; Ataíde, 2015).

Segundo Ataíde (2015) o primeiro armazém construído no bairro também foi nomeado de “Jaraguá”. Ainda sobre acontecimentos marcantes para o bairro, a construção da ponte que fez a ligação entre o centro de Maceió e o bairro contribuiu para sua consolidação como um importante entreposto comercial. A partir desse momento, foi possível observar um grande aumento da quantidade desses armazéns, também chamados, em continuidade com suas passarelas, de trapiches. Estima-se que, após vinte anos da construção da ponte, o bairro passou a contar com vários desses armazéns. Tiveram a finalidade de facilitar o transporte das mercadorias importadas e exportadas até as embarcações. Essas estruturas, durante muito tempo, marcaram o perfil da paisagem local, como é possível observar na figura 1.

Figura 1 – Trapiche Jaraguá, Jaraguá, Maceió – AL, 1869



. Fonte: Débora Lucena de Ataíde, 2015.

Ataíde (2015) menciona outros trapiches importantes como: os trapiches Phullman e Great Western, pertencentes à rede ferroviária; o Trapiche Segundo, o Trapiche Faustino, dentre outros. O trapiche Novo foi construído por volta de 1896 (Dantas, Tenório & Menezes, 2011). Por conta do seu tamanho, logo se destacou entre os existentes, tendo em vista sua capacidade de estocagem. Diferentes historiadores ressaltam a sua importância patrimonial e histórica, por ainda possuir em sua fachada traços de uma arquitetura eclética.

Figura 2 – Trapiche Jaraguá, situado na Rua Sá e Albuquerque, Jaraguá, Maceió – AL.



Fonte: Elaboração autoral, 2019.

Como é possível observar na figura 2, a fachada da edificação sofreu várias intervenções de pichação e de grafites. Atualmente o prédio não possui cobertura e sua estrutura é composta apenas por suas elevações. A fachada, ainda que deteriorada, compõe a paisagem arquitetônica e histórica do local dando relevo a uma das mais importantes edificações do bairro. Até o momento, constatou-se que o prédio teve um grande papel para o desenvolvimento econômico e que hoje possui um valor histórico e identitário para os usuários e moradores, apesar do seu abandono tentar expressar o contrário. Por consequência desde o ano de 1940, com a construção e a inauguração do cais do porto, os trapiches ou passarelas perderam sua função e, em pouco tempo, foram demolidos e desapareceram da paisagem, restando apenas a arquitetura dos antigos armazéns (Santos, 1986).

3.2. A Praça Dois Leões

A Praça atualmente conhecida como “Praça Dois Leões” já teve vários nomes ao longo da sua história, tais como: Jardim de Jaraguá, Praça do Consulado, Praça da Recebedoria e Praça Wanderley de Mendonça (Altavila,1988; Ataíde, 2015). Conforme Pedrosa (1998) e Ataíde (2015), essa praça foi cenário, durante muitos anos, dos passeios das famílias tradicionais maceioenses que residiam nas proximidades do bairro. Ainda segundo os autores, foi, provavelmente, devido à importância conferida por seus usuários, que essa obra se tornou um dos cartões postais do bairro de Jaraguá.

O Jardim de Jaraguá, como originalmente foi concebido, data de 1869, com a solicitação do presidente da província José Bento Figueredo Júnior. Teve como executor da

obra o engenheiro Frederico Mery. O jardim foi pensado de forma a garantir o lazer dos moradores locais e dos visitantes que desembarcavam no porto. A solicitação realizada pelo presidente da província considerava que o projeto deveria contemplar o espaço com uma área verde, bancos e uma fonte central.

A inauguração do jardim aconteceu em 20 de dezembro de 1869. A justificativa dada pelo presidente para sua execução foi a de que para “além do pequeno jardim do Palacete, não havia outro ponto que servisse de refrigério e recreio à população” (Pinto, 2015). O presidente ainda declarou que os viajantes, ao desembarcarem, ficariam impressionados ao se depararem com uma praça de estilo moderno. De fato, existia a necessidade desse espaço público, o que pode ser compreendido diante da notoriedade e da importância que a praça ganhou logo após sua inauguração. Outro aspecto que corroborou com sua relevância foi o prolongamento da linha férrea até sua proximidade (Pinto, 2015). Registros mostram que durante a década de 1870, o Jardim tinha horário de funcionamento determinado pela intendência. Os horários de uso e de visitação eram de segunda a sábado, das 15:00 às 18:00 horas e aos domingos, das 06:00 às 18:00 horas (Pinto, 2015).

Décadas depois, no ano de 1905, o Jardim de Jaraguá encontrava-se descuidado e deteriorado, de acordo com o relatório do Dr. Manoel Sampaio Marques. O abandono serviu como justificativa para sua demolição e construção da Praça Wanderley de Mendonça em homenagem ao antigo intendente da cidade de Maceió (Pinto, 2015). A atual Praça Dois Leões sofreu, portanto, uma intervenção radical, deflagrando na sua total demolição. O autor do novo projeto foi Rosalvo Ribeiro e, como havia recém-chegado da Europa, o projeto ganhou traços geométricos e simétricos, típicos de jardins franceses. Além dos detalhes de paisagismo e da forma, o autor solicitou a compra de duas estátuas (de um leão e de um tigre) em bronze. Alega-se que a obra durou mais de 16 anos devido à estrutura implementada e também devido à demora da chegada das esculturas (Pinto, 2015).

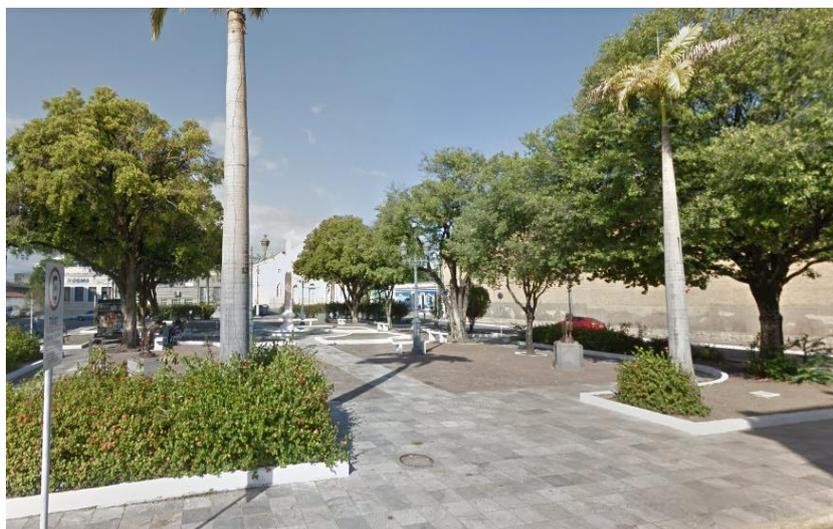
Figura 3 – Praça Dois Leões, Jaraguá, 1922.



Fonte: Débora Lucena de Ataíde, 2015.

A reinauguração da praça aconteceu em 1922, como forma de comemoração ao centenário de independência do Brasil. A comunidade, ao longo do tempo, passou a reconhecer essa praça como Praça Dois Leões, tornando-se esse o seu nome oficial (Pinto, 2015). Após visita técnica realizada, foi possível constatar que o desenho francês ainda é predominante característico na praça. A obra ainda mantém seu traçado simétrico, seu espelho d'água central, suas luminárias e esculturas, como mostra a figura 4. A figura 3 exhibe o resultado final inaugurado em 1922.

Figura 4 – Praça Dois Leões, Jaraguá, Maceió- AL.



Fonte: Elaboração autoral, 2019.

3.3 O Museu da Imagem e do Som – MISA

O prédio que atualmente abriga o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA) foi construído com a finalidade de servir como Consulado Provincial (Lôbo, 2016). Esse autor revela que, apesar do prédio ter recebido o nome de “consulado”, nunca houve atividade diplomática naquele espaço. Na realidade, o edifício tinha a finalidade de arrecadar impostos. O prédio funcionou como consulado de 07 de setembro de 1870 até o ano de 1889. Apenas no século XX, após a Proclamação da República, a edificação passou a ter a função de Recebedoria Central do Estado (Lôbo, 2016).

No ano de 1917 foi adicionado um pavimento superior em sua parte central,

modificando sua fachada e conferindo-lhe características de uma arquitetura eclética. Durante cinco anos, equivalentes à gestão do governador Osman Loureiro, de 1934 a 1939, o edifício passou a servir como espaço da guarda e o uso do prédio para essa finalidade contribuiu para a sua degradação (Lôbo, 2016). Já durante a década de 1960, o prédio funcionou como delegacia. Na década de 1970 o prédio encontrava-se deteriorado e passou a servir como depósito de documentos. Em 1981 foi cedido ao Museu da Imagem e do Som de Alagoas. Contudo, a inauguração oficial aconteceu somente após sua reforma em 6 de março de 1987 (Lôbo, 2016). No ano de 1999 o prédio foi uma das edificações selecionadas para ser beneficiada pelo projeto de revitalização do bairro. A obra foi entregue no ano de 2000 e buscou preservar a cor rosa e os elementos ornamentais da fachada (Lôbo, 2016). A edificação passou por desgastes desde então, devido à falta de manutenção, o que levou à suspensão do seu funcionamento. A partir de recursos da Caixa Econômica Federal em 2010, após passar por uma nova reforma e reparos, o Museu foi reaberto ao público.

O MISA tem papel importante para a comunidade e para a preservação cultural. A instituição conta com um acervo próprio e permanente e esporadicamente recebe outras exposições (Lôbo, 2016). Até o momento, o levantamento bibliográfico/documental conseguiu encontrar apenas um único registro fotográfico do prédio na sua configuração original, antes da adição do pavimento superior (ver figura 5). A imagem 6 mostra como essa edificação encontra-se atualmente.

Figura 5 – Consulado Provincial de Alagoas, fachada original, Jaraguá – AL



Fonte: Edberto Ticianeli Pinto, 2015.

Figura 6 – Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA, Jaraguá, Maceió- AL



Fonte: Elaboração autoral, 2019.

4. Conclusões

O estudo foi capaz de realizar uma análise e revisão histórica do bairro de cada uma das três edificações investigadas. Também foi possível analisar as interferências e as modificações sofridas por elas ao longo do tempo, bem como constatar a relação que as mesmas constituíram com o entorno. Além desses aspectos, o estudo observou a contribuição que os Trapiches, a Praça Dois Leões e o MISA desempenharam em prol do desenvolvimento do bairro de Jaraguá e da cidade de Maceió-AL.

Por ocasião da visita técnica realizada ao Trapiche Jaraguá, analisamos a integridade da estrutura de sua arquitetura. Com base na literatura, foi possível compreender que a permanência e a manutenção desse prédio aconteceram devido a dois fatores importantes. O primeiro correspondente à transformação do uso da edificação ao longo do tempo; o segundo, devido ao Plano Diretor da cidade de Maceió conferir ao bairro proteção, por classificá-lo como Zona de Preservação (ZEP01). Já a Praça Dois Leões resistiu ao tempo por conseguir manter uma relação histórica e afetiva com a comunidade, também pela proteção concedida pelo Plano Diretor do município. Atualmente, poucas pessoas frequentam esse espaço. Durante o dia, moradores de rua, flanelinhas (guardadores de carro) e pessoas que transitam pelo local utilizam-no. Mesmo com um número menor de usuários, a praça é responsável pela manutenção da paisagem histórica local, afirmando a importância de sua preservação. Por sua vez, o Museu da Imagem e do Som de Alagoas conseguiu resistir ao tempo por atender a diversos outros usos. O prédio, que fica localizado em frente à Praça Dois Leões, consegue estabelecer uma ligação com a mesma, criando uma atmosfera e um cenário que, muitas

vezes, remete ao século passado. Seu estado de conservação se deve também ao fato de estar inserido na Zona de Preservação 01 (ZEP01) do plano diretor do Município e por ter sido um dos prédios que foram restaurados pelo projeto de revitalização realizado na década de 1990. Além da memória afetiva, a obra contribui ativamente com a cultura local, graças ao seu rico acervo e exposições, que sempre são abertos ao público.

Nesse contexto, devemos ressaltar a importância histórica, social, econômica e cultural das três obras analisadas para a memória, identidade e paisagem do bairro do Jaraguá em Alagoas. Para além disso, reforçamos a relevância desse bairro para a formação da cidade de Maceió e para o entendimento dos processos de deterioração dos centros históricos. Essa questão demanda maior aprofundamento, a fim de uma compreensão sensível acerca das imagens e imaginários que têm povoado o bairro do Jaraguá.

Referências

Altavila, J (1988). *História da Civilização das Alagoas*. 8ª ed., anotadas por Moacir Medeiros de Sant'Ana. Maceió: EDUFAL.

Andrade, LMCO (2005). *Jogos de poder na revitalização dos centros históricos: o caso do bairro de Jaraguá em Maceió*. Dissertação final de Mestrado em Administração. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Araújo, KAO (2017). *A valorização e a decadência da habitação do bairro do Jaraguá, Maceió-AL*. Ciências Humanas e Sociais. v. 4. n.2. p. 249-258. Recuperado de periodicos.set.edu.br.

Ataíde, DL de (2015). *Jaraguá ontem e hoje: um lugar sob a ótica dos idosos*. Dissertação final de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

Dantas, CL; Tenório, DA; Menezes, JLM (2011). *Alagoas Memorável: Patrimônio Arquitetônico*. [S.ed.].

Lôbo, FAN (2016). *Museu da Imagem e do Som de Alagoas – MISA*. Recuperado em 21 de outubro de 2019 de <http://www.cultura.al.gov.br/institucional/espaco-da-secult/misa/historico>.

Nascimento, VS (2018). *Habitar o patrimônio*: proposta de habitação de interesse social para o trapiche Jaraguá em Maceió/AL. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

Pedrosa, JFM (1998). *Histórias do Velho Jaraguá*. Maceió: Editora Talento.

Pinto, ET (2015). *Jaraguá e a praça em que os leões venceram um general*. Recuperado em 30 de maio de <https://www.historiadealagoas.com.br/jaragua-e-a-praca-em-que-os-leoes-venceram-um-general.html>.

Santos, I (2019). *Jaraguá, a enseada das canoas*. Revista do CHLA da Ufal, Ano II, nº 3, páginas 46 e 47. Maceió, dezembro de 1986. Recuperado em 05 de maio de <https://www.historiadealagoas.com.br/jaragua-a-enseada-das-canoas.html>.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Heber Macel Tenório Vasconcelos – 70%

Evandro Fiorin – 30%